
Capítulo 8

Habilidades sociais: biologia evolucionária e cultura ¹

*Almir Del Prette
Zilda A. P. Del Prette
Universidade Federal de São Carlos*

As mudanças no pensamento científico, através de novos paradigmas que começaram na Física e se estenderam por outras disciplinas científicas, acabaram por alcançar, também, a Psicologia. Atualmente, a Psicologia, tanto a aplicada como a básica, vem dando muita ênfase à temática das relações interpessoais transacionando seus conhecimentos com outras áreas. Abordando essas questões, apresentamos inicialmente algumas contribuições atuais da Biologia Evolucionária sobre possíveis determinantes dos genes nas práticas sociais, particularmente sobre a cooperação e o altruísmo, expondo as controvérsias a respeito do gene egoísta, presentes na Sociobiologia. Em seguida, tecemos considerações sobre a organização social e a cultura, discutindo a categoria sociedade em uma perspectiva de entidade diferente do somatório dos atributos dos grupos e indivíduos que a compõem. No terceiro tópico, apresentamos e discutimos a noção de que as novas formas de interpretar o mundo deverão afetar, de maneira positiva, as relações entre as pessoas e situamos a questão do relacionamento interpessoal e das habilidades sociais no contexto dos objetos da Psicologia e de sua história enquanto disciplina científica. Finalmente, discutimos algumas questões relacionadas a uma sociedade em transformação e as contribuições do campo teórico-prático das Habilidades Sociais na Psicologia enquanto Ciência e Profissão.

Palavras-chave: habilidades sociais, biologia evolucionária, objeto da psicologia, sociedade, cultura.

Changes in scientific thinking – produced by new paradigms that began in the Physics and were extended to other scientific disciplines – have reached also to Psychology. Recently Psychology, even the one applied as the basic, is giving emphasis to the thematic of interpersonal relationships, exchanging its knowledge with other areas. Concerning these subjects, we present some current contributions of the Evolutionary Biology about possible determinants of the genes on the social practices, particularly on cooperation and altruism, exposing the controversies regarding the selfish gene presents in Sociobiology. Afterwards we consider the social organization and the culture, discussing the category society in a view of entity, which cannot be represented by the sum of attributes of its groups and individuals. In the third topic, we present and discuss the notion that the new forms of interpreting the world should affect, in a positive way, the relationships among people. Briefly presenting the context of objects of the Psychology and its history while a scientific subject, we identify the subjects of interpersonal relationship and social skills. Finally, we discuss some questions related to a society in transformation and the contributions of the theoretical-practical field of the social skills in the Psychology while science and profession.

Key words: social skills, evolutionary biology, object of the psychology, society, culture.

As grandes mudanças que ocorreram na Física, a partir da elaboração da teoria quântica, e nas demais ciências, em especial na Biologia e Biologia Evolucionária, trouxeram questões que, de alguma maneira, geram novas perspectivas em outras disciplinas científicas. Não são poucos os físicos interessados em contribuir para um diálogo mais concreto entre diferentes saberes, incluindo informações sobre o

¹ Algumas das idéias aqui desenvolvidas foram apresentadas durante o Curso "Treinamento de Habilidades Sociais como método terapêutico", no IX Encontro da Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental, realizado em Campinas (SP) em setembro de 2000. Os autores agradecem ao CNPq e FAPESP pelos apoios recebidos durante a elaboração do trabalho.

funcionamento humano (entre eles podem ser citados, Murphy e O'Neill, 1997 e Kelso e Haken, 1997). No caso da Psicologia, no que se refere aos processos de ensino-aprendizagem, não se podem desconsiderar as atuais investigações sobre o cérebro em sua relação com o comportamento e o funcionamento geral do homem. Este capítulo pretende, ainda que timidamente, abordar alguns aspectos da Biologia Evolucionária, em sua relação com a Psicologia e a Sociologia, que podem ser importantes para a área das Habilidades Sociais.

1. A natureza

Os cromossomos talvez não sejam altruístas – não abrem mão do direito de fazer réplicas – mas podem ser tudo menos egoístas. São grupistas: defendem a integridade geral do genoma, sufocando motins egoístas de genes individuais.
Matt Ridley (2000)

A expressão *gene egoísta* possui forte conotação *hobbesiana* e manteve, por isso mesmo, muitos cientistas sociais estudiosos da Biologia Evolucionária a uma certa distância das questões relacionadas à vida social em uma perspectiva genética. De fato, quando não gerava uma adesão entusiasta, tal posição produzia uma antipatia que pouca gente achava importante disfarçar.

O termo *gene egoísta* foi cunhado por Richard Dawkins (1976), na década de 70, com base na idéia de que os indivíduos não atuam em benefício de outrem sem um motivo egoísta. Em outros termos, o indivíduo agiria sempre em benefício de seu gene. Como na maioria das vezes o interesse do indivíduo é coincidente com o genético, não existe contradição em suas ações. Há, também com freqüência, uma pressão do gene para o indivíduo agir em benefício de seus parentes consangüíneos, mesmo os distantes. Teoricamente, portanto, o indivíduo pode agir, beneficiando, em ordem seqüencial:

- a) a si mesmo – certos animais durante prolongada escassez de alimentos abandonam suas crias ou fazem delas seu próprio alimento;
- b) aos parentes – formigas e cupins dedicam-se ao cuidado e criação dos filhos de suas irmãs;
- c) ao grupo amplo – toupeiras atacam répteis, sacrificando-se para facilitar a fuga do bando.

Algumas dessas ações e outras aparentemente altruístas foram identificadas pelos estudiosos da área como sutilmente egoístas. Com o resultado dessas análises e pesquisas, foi possível constituir uma disciplina, a Sociobiologia, cujos mentores, principalmente Wilson (1981), sofreram pesadas críticas às suas posições e idéias e às possíveis ilações de que justificariam a dominação do homem sobre a mulher com respeito ao sexo e à situação de pobreza de alguns povos (Ruse, 1983)².

Qual a base para a interpretação do conceito de *gene egoísta*? Ela tem duas fontes. A primeira é teórica. Como o gene é o elemento da reprodução e da seleção natural, os tipos de ações que aumentam a probabilidade de sua sobrevivência devem aumentar em detrimento daquelas que diminuem suas oportunidades de perpetuação. Em segundo lugar, isso parece se confirmar também pela observação naturalística,

² O leitor poderá encontrar excelente análise sobre a Sociobiologia, em geral, e sobre a posição de Edward Wilson, em particular, no belo livro de Ruse (1983).

principalmente quando se inclui nos eventos observados "o ponto de vista do gene egoísta". Não haveria, nessa perspectiva, lugar para qualquer ação desinteressada. As formigas, que cuidam com dedicação dos filhos de suas parentas, fazem-no porque transmitem mais cópias de seus genes às próximas gerações do que conseguiriam se pudessem procriar.

A premissa do gene egoísta "pegou" como um sarampo no mundo científico, mas, igualmente, projetou uma espécie de "quarentena", várias vezes multiplicada, que levou muita gente a permanecer à distância. Ainda que isso possa parecer exagerado, paira no caminho do gene egoísta o estranho e infeliz caso de George Price. Este pesquisador, extremamente preocupado com o impacto dessas considerações, estudou genética com o objetivo de refutar a tese de que, no fundo, todo altruísmo não passa mesmo do mais puro egoísmo. Para alcançar seu objetivo, procurou William Hamilton, considerado um dos maiores pesquisadores nesse tema. Price trouxe contribuições importantes, porém todas iam ao encontro da premissa do gene egoísta, deixando-o cada vez mais desgostoso e deprimido. Voltou-se, então, para a religião e distribuiu seus bens aos pobres, mas não foi capaz de recuperar-se. Acabou suicidando-se em Londres, em um quarto de hotel (Ridley, 2000).

Não obstante uma grande quantidade de pesquisas bem fundamentadas, alguns autores (Wright, 1996; Taylor & McGuire, 1985) supõem que talvez a questão do egoísmo *versus* altruísmo tenha sido mal colocada. Discutem-se novas maneiras de ver o problema e, entre outras alternativas, ganhou adesão a idéia de que, antes de tudo, precisaria ser explicada a existência de algumas virtudes, mesmo que ocasionais, independentemente de recompensas genéticas ou mesmo sociais identificáveis. Há evidências de que, freqüentemente, indivíduos humanos, mas não apenas, colocam o bem comum acima de seus interesses próprios. O que se sabe, e sobre isso não pairam dúvidas, é que a maioria dos seres vivos, senão todos, vivem em grupos e a vida comunitária é fundamental para a sua existência. Se a vida em grupo foi decisiva para a sobrevivência, podem-se supor mecanismos geneticamente dotados para a produção de certa harmonia e de regulação de ações destrutivas do tipo que coloca em risco todos os indivíduos de uma espécie. Os próprios cromossomos não vivem isoladamente. À exceção do cromossomo B (presente em apenas dois ou três por cento dos homens), os demais vivem em pares. A tendência ao agrupamento parece ser lei natural: um conjunto de células forma um órgão e cada órgão, seja qual for, tem um papel importante a desempenhar no organismo. Essa aglutinação é fundamental tanto para o organismo como para seus genes. E um conjunto de indivíduos resulta no que hoje chamamos de sociedade, que é, também, decisiva para a sobrevivência de cada um isoladamente.

Não é fácil falar em uma base biológica da cooperação e da solidariedade do ponto de vista empírico, principalmente em indivíduos humanos. Se algumas espécies de animais podem ser observadas em várias gerações, o mesmo não ocorre com os humanos. No entanto, após a década de 70, muitas pesquisas sobre relações sociais de altruísmo mútuo, utilizando programas de simulação no computador, vêm sendo bem sucedidas. Nessas simulações, "quando criaturas inflexivelmente não-cooperadoras aparecem, um círculo crescente de cooperadoras se espalha pela população, geração após geração" (Wright, 1996), impedindo ou minimizando a ação daquelas. As pesquisas com programas não pararam por aí e, à medida que novas variáveis foram sendo introduzidas, os resultados obtidos muitas vezes se contradizem. Mas, o que se tem de dados é uma forte evidência a favor do altruísmo recíproco.

2. A sociedade

A natureza e a sociedade não se excluem mutuamente. A primeira nos abrange como resultado de nossa intervenção. A segunda existe em toda parte: não surgiu com o homem, e nada deva supor que irá morrer conosco.
Serge Moscovici (1976)

Dizer que o homem é um animal social, frase atribuída a Aristóteles, tem sido um lugar comum nos compêndios de Psicologia Social. Ao que tudo indica, seria difícil encontrar um ser não-social. A relação entre os seres vivos é uma constante na natureza, onde pode ser observada a existência de um sistema de trocas, gerador de interdependência. Não são poucos os especialistas que apontam dificuldade em separar os limites entre cultura e natureza, supondo-se, portanto, que essas categorias representam um caminho de mão dupla. Muitos dos chamados atributos humanos passaram a ser identificados nos animais, desde os meados do século XVII (Darwin, 2000)³, como, por exemplo, a cooperação e o sacrifício. A cooperação pode ocorrer entre indivíduos não aparentados e mesmo entre espécies diferentes. No pantanal mato-grossense, com um pouco de sorte, é possível observar pássaros de bico fino retirando comida que permanece entre os dentes de jacarés que placidamente se submetem a esse ritual de limpeza. Ridley (2000) relata que morcegos hematófagos regurgitam parte de seu alimento para os colegas que não foram bem sucedidos em suas incursões à procura de sangue. Estes, por sua vez, retribuem a gentileza em outras ocasiões. Nesse grupo, os egoístas não têm muito êxito, pois logo são identificados e ninguém mais os alimenta, correndo o risco de morrer em tempos de escassez. Quando comparados com outras espécies, os hematófagos possuem maior neocórtex e vida social mais complexa. Parece existir uma relação entre o tamanho do cérebro e a complexidade da vida social. Quanto mais complexa a sociedade da espécie, maior é o tamanho do cérebro. O raciocínio inverso, quanto maior o cérebro mais complexa a sociedade, também é possível.

O que as observações vêm indicando é que, para existir o altruísmo recíproco, duas condições são necessárias: o reconhecimento entre os membros de um grupo e a comunicação ou a disseminação desse reconhecimento. Essas condições são bastante elaboradas na sociedade humana que se vale de sua cultura complexa para propiciar aos seus membros recursos de discriminação sobre quem age a favor ou contra o bem comum. É claro que as coisas não são simples, pois não há como evitar que os não-colaboradores deixem de utilizar os mesmos recursos disponíveis na sociedade para convencer aos demais de suas boas intenções e, mesmo que possível, tal restrição não seria desejável, pois iria de encontro às normas do jogo democrático.

Supor alguns atributos comuns entre homens e animais não significa igualar seus estágios evolutivos. Longe disso, o que se pretende é tomar como base a noção de que o ser humano não pode, de um lado, ser entendido como indivíduo puramente biológico e, por outro, como puramente cultural, no que diz respeito às práticas sociais. No entanto, é correto afirmar, graças aos achados de várias ciências, que a cultura não é uma característica exclusivamente humana. Alguns símios desenvolvem práticas que não podem ser colocadas unicamente em termos biológicos: lavam raízes e batatas, tirando-lhes a sujeira, utilizam pedras para partir castanhas e varas para retirar formigas e cupins do solo e, ainda, ajeitam

³ Charles Darwin cita vários trabalhos, principalmente de zoólogos de descrição dos comportamentos dos animais, anterior às suas pesquisas.

folhas largas como vasilhame para coletar água. Além disso, algumas espécies exibem comportamentos cooperativos bastante elaborados. Quando dois ou três isoladamente encontram alimento em abundância, emitem sons característicos dirigidos ao grupo, compreendidos como convite à refeição. As observações indicam que muitas das práticas desses animais são ensinadas aos filhos de várias maneiras e é nesse sentido que se pode falar em cultura.

Nada disso, porém, iguala-se à cultura humana que é extremamente complexa com seus mecanismos de regulação da prática social. A vida humana é eminentemente social, devido ao processo de interdependência. A nossa aparente fragilidade biológica exige um prolongado cuidado com os filhos que não têm similitude com a maioria das outras espécies. Provavelmente, isso levou à divisão de tarefas por sexo e à continuidade dessa divisão com base na idade. Posteriormente, fatores como competência acabaram por criar as especializações ampliando ainda mais a diversificação das atividades. Mesmo as tribos coletoras/caçadoras possuem uma variedade de tarefas distintas que requerem certas especialidades.

Conforme Moscovici (1990), as pesquisas registram dois fenômenos culturais com características de universalidade: a norma da proibição pelo incesto e a divisão de atividades por sexo. O desenvolvimento da cultura levou a sociedade a ajustar, através de seus códigos, a vida coletiva e, mesmo, a individual. Os tabus impõem restrições a impulsos, os mitos estabelecem práticas discursivas e ritualísticas sobre fenômenos desconhecidos e os códigos do permitido e do proibido estabelecem regras que regulam as práticas sociais. O decálogo, pelo qual até hoje se guia a sociedade israelense, apresenta mais negações (proibições com punições implícitas) do que afirmações. A sociedade, portanto, é mais do que a reunião dos indivíduos que a compõem.

Esse fenômeno de agregado produz uma entidade diferente, mas isso não significa, como pensava Durkheim, que o homem seja totalmente moldado por ela. Na interação indivíduo-sociedade há uma influência mútua que torna possível tanto a mudança social quanto a individual. As mudanças sociais ocorrem em grande parte devido à influência da minoria (Del Prette, 1995a; 1995b). Uma pessoa ou um pequeno grupo de pessoas, ainda que destituído de poder formal, pode produzir extraordinárias mudanças na sociedade. Essas mudanças têm como base dois fenômenos razoavelmente dependentes entre si: o esgotamento de paradigmas culturais ou científicos e o aparecimento de novos paradigmas. Historicamente, temos inúmeros exemplos: o aparecimento do cristianismo, a aceitação geral do sistema heliocêntrico, a predominância do paradigma cartesiano/newtoniano nas ciências etc.

3. Novos paradigmas entram em cena

*Nosso conhecimento não é constituído como um jogo de armar
minúsculos parafusos e cavilhas da experiência.*

J. Bronowski (1977)

As mudanças de paradigmas, aqui entendidos como modelos orientadores da produção do conhecimento, vêm ocorrendo em todos os setores da sociedade, embora nem sempre os atinjam igual e simultaneamente. A aceitação de novos paradigmas não depende apenas do esgotamento dos que estão em vigor e orientam o pensamento;

depende, também, do valor heurístico e da intensidade da resistência contrária às mudanças associadas às novas maneiras de pensar.

Seria ingenuidade supor que a aceitação dos novos paradigmas, principalmente os culturais, ocorreria sem embates. Einstein, embora tenha contribuído para a construção da teoria quântica, irritava-se com as posições pouco ortodoxas de seus colegas, chegando a afirmar que Deus não jogava dados. Embora reconhecendo aqui os benefícios do conflito, pode-se imaginar o quanto não teria sido alcançado, se Einstein tivesse tido maior disposição para o diálogo.

As mudanças ocorrem em um processo dialético: idéias em confronto geram novas idéias. Copérnico opôs-se e demonstrou que a Terra não era o centro do Universo, como acreditavam os cientistas guiados pela teoria de Ptolomeu que, por outro lado, justificava dogmas religiosos. Mas foi Galileu Galilei que consolidou a revolução copernicana, impulsionando a ciência além dos limites impostos pela escolástica. Como se sabe, isso não foi nada fácil para o cientista italiano.

Neste início do século XXI, grandes desafios se colocam para as sociedades humanas em todas as partes do planeta. O avanço do neoliberalismo, com a exploração incontrolada dos recursos da Terra, criou problemas de difícil solução e pode representar uma ameaça à vida em muitos lugares em prazo não muito longo. Dentre os maiores desafios estão a proteção ambiental, a distribuição de alimentos a todos os povos, o destino do lixo, em especial os não degradáveis, a democratização do acesso ao conhecimento e a tecnologia e o controle de endemias e epidemias. Tais problemas não possuem soluções exclusivamente técnico-científicas ou econômicas e políticas: requerem novos padrões relacionais entre nações, entre grupos e entre as pessoas.

Com base na premissa de que as mudanças paradigmáticas devem influenciar as relações entre as pessoas e que ela se sustenta na observação de um conjunto de acontecimentos na sociedade, pode-se argumentar a favor do reconhecimento da importância da qualidade das relações entre as pessoas em geral, como substrato desses novos paradigmas (Del Prette & Del Prette, 2001, no prelo). Ao lado do paradigma neoliberal que prioriza o ter em detrimento do ser e que leva as pessoas a buscar a felicidade por meio do consumo, um novo paradigma emerge, ainda que timidamente, privilegiando as relações e a qualidade de vida como fontes de realização pessoal. Essa qualidade depende, entre outros fatores, de um conjunto diversificado e elaborado de habilidades sociais pautado pela ética, pelo respeito aos direitos e deveres de todos, pelo equilíbrio de poder nas relações e pela busca da saúde mental.

Os mecanismos internos de autocontrole do que é legítimo e moral nas atividades nem sempre funcionaram da maneira como se desejaria, supondo-se a necessidade de mecanismos externos (regras sociais estabelecidas por meio de códigos, normas, tabus) para possibilitar um maior equilíbrio. Entretanto, a perspectiva neoliberal criou, querendo ou não, uma filosofia de vida que se reduz à posse e desenvolve a segurança psicológica através do sucesso da riqueza. Isso, não obstante a sociedade parece voltar-se para uma reavaliação de suas práticas sociais, possibilitando um amadurecimento para a aceitação dos novos paradigmas relacionais.

A observação vem registrando uma contra-reação popular à violência entre indivíduos e entre grupos. Nas grandes cidades de diversos países, Praga, Berlim, Granada, Rio de Janeiro, grandes multidões buscaram as ruas pedindo um basta à violência e se

confraternizaram de diversas maneiras. Mas não é apenas nos grandes eventos que se observa o desejo de mudança. Este, igualmente, parece estar presente no aumento da filiação religiosa pelos jovens, na multiplicação de organizações não governamentais de prestação de serviços de solidariedade, nos gestos isolados e quase despercebidos de ajuda mútua, na valorização, inclusive no mundo empresarial, de formas mais saudáveis de relacionamento entre as pessoas.

É interessante notar que embora não haja uma mesma compreensão das necessidades e dos significados dos termos descritivos para os desempenhos sociais almejados, estes se disseminam e são utilizados na comunicação entre as pessoas. Uma leitura, mesmo que ligeira, dos classificados de emprego, dos principais jornais do país mostra como essa preocupação está presente. Termos como "facilidade para o trabalho em equipe", "competência para lidar com conflitos" e "dinamismo e capacidade de comunicação" pretendem designar atributos desejáveis para diferentes cargos e funções.

Por outro lado, pesquisadores de diversos países elaboram e aplicam programas de desenvolvimento interpessoal para crianças de primeiro e segundo grau, destinados principalmente à diminuição dos conflitos de caráter hostil, da agressividade e do aumento de relacionamentos mutuamente recompensadores (Del Prette & Del Prette, 1999).

Todos esses são sinais indicadores de que há uma preocupação generalizada com os conflitos humanos e um desejo manifesto de novos relacionamentos entre as pessoas, embora ainda não se possa avaliar o quanto a sociedade pretende investir para alcançar as mudanças desejadas.

4. O objeto da Psicologia e as relações interpessoais

Todas as coisas fluem. A única coisa que permanece é o estado de mudança.
Heráclito (1975)

A Psicologia, como as demais disciplinas científicas do século XVIII, e principalmente do século XIX, moldou-se de forma notável à maneira cartesiana de ver o homem e o mundo. Mas a idéia de que a mente (ou alma, na visão de Descartes) poderia ser estudada pela introspecção e o corpo deveria ser objeto de investigação empírica, semelhante à orientação metodológica das ciências da natureza, não foi seguida à risca.

A escola de Wundt dedicou-se, com persistência, à introspecção, analisando a consciência através de seus elementos básicos. O modelo funcionalista teve, em William James, seu maior expoente que, com formação eclética e crítico das tendências atomistas e mecanicistas do conhecimento psicológico de sua época, também se ocupou, em sua Psicologia, das relações entre as pessoas. Posteriormente, os behavioristas concentraram-se no comportamento excluindo a mente ou a consciência de suas agendas de pesquisa. Nesse meio tempo, ganharam atenção considerável os achados da reflexologia russa bem como as contribuições da anatomia e da fisiologia. Concomitantemente, a neuroanatomia supunha a possibilidade de reduzir o comportamento humano e as capacidades mentais a localizações específicas do cérebro. Isso bem cedo se mostrou uma suposição infundada, considerando os achados dos estudos posteriores sobre o cérebro (ver, por exemplo, Damásio, 1996; 2000).

As descobertas da reflexologia, com as investigações experimentais de Pavlov, associadas à perspectiva skinneriana, trouxeram esperanças de que, finalmente, a Psicologia havia encontrado o bom caminho da ciência natural. Enfatizando a relação organismo-ambiente e considerando também o ambiente social, encaminharam questões pertinentes à qualidade e funcionalidade dos relacionamentos. Elas, porém, não eram as únicas e, em cena, novas teorias e movimentos fizeram-se presentes, como por exemplo, o movimento da *gestalt*, com a noção de que os indivíduos compreendem as coisas quando conseguem integrar suas totalidades e de que essas coisas possuem qualidades que não são encontradas em suas partes individuais. A sua importância na compreensão de questões ligadas à percepção também pode ser estendida à percepção social e à qualidade da "leitura do ambiente social" bem como de vieses nesse processo.

Essas escolas psicológicas, todas críticas umas das outras, influenciaram a compreensão do homem e o uso do conhecimento psicológico em questões práticas como a educação, a psicoterapia, o trabalho e as demais relações sociais.

Do final do século XIX até o momento atual, a Psicologia alcançou um grande reconhecimento na sociedade. Esse reconhecimento se deve tanto ao sucesso de sua aplicação aos diversos setores, como aos conhecimentos produzidos sobre o homem, não obstante as idéias controversas e multifacetadas na explicação do comportamento humano. O século XX assistiu à popularização de duas de suas maiores escolas: o behaviorismo e a psicanálise. As noções desses dois sistemas sobre o homem se espalharam por toda a Europa e Américas e termos como superego, transferência, reforço, condicionamento etc., fazem hoje parte do linguajar cotidiano.

Ao longo de seu caminho, a Psicologia continuou a enfatizar diferentes objetos de estudo: mente, consciência (vista sob diferentes prismas), personalidade, comportamento, cognição etc. Mudava-se a ênfase, mas o modelo definidor permanecia o mesmo. Freud por exemplo, estava convencido de que a psicanálise era uma ciência da mente, fundamentada em conceitos como espaço e tempo absolutos e na noção do determinismo da física clássica. Ora com maior, ora com menor *status*, as relações entre as pessoas também apareciam nos estudos das várias Psicologias.

Pode-se, portanto, afirmar que, ao longo da história da Psicologia, a questão do relacionamento entre as pessoas sempre esteve presente como objeto de interesse e de investigação. O próprio conceito de comportamento, enquanto interação organismo-ambiente, inclui a interação entre os indivíduos. Muitos fenômenos psicológicos decorrentes dessa interação têm sido objetos de investigação nas diferentes áreas de conhecimento: na Psicologia Social (Vala e Monteiro, 1996), podem-se destacar os fenômenos da percepção e influência social, da autoridade-submissão, da agressão, da atração interpessoal, da atribuição social, dos processos grupais e de comunicação, das habilidades sociais; na Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento, a ênfase recaiu sobre as alterações, ao longo do ciclo vital, no funcionamento cognitivo, afetivo, lingüístico, social e motor, associadas a outros fenômenos como o apego, a inteligência, a motivação, o condicionamento e a aprendizagem social, a memória etc.

A interação organismo-ambiente e os fenômenos identificados nessa interação têm sido também objeto de avaliação e de intervenção em diferentes campos de atuação da Psicologia: na Clínica, quando considera os fatores sociais da saúde e da doença (física e psicológica); na Psicologia Educacional, quando busca promover transformações

no potencial e nas características dos indivíduos por meio dos sistemas formais e informais de ensino e aprendizagem; na Psicologia Organizacional, quando lida com os fatores humanos do trabalho e da produtividade; em outras áreas emergentes, como a Psicologia do Esporte, do Trânsito, Forense, Hospitalar, quando se considera a complexidade dos seres humanos enquanto organismos biopsicossociais histórica e culturalmente constituídos.

Os conceitos de interação social e de relação social, embora freqüentemente utilizados como sinônimos na linguagem leiga, têm sido diferenciados na literatura psicológica. Ao defender a necessidade de uma teoria das relações interpessoais, Hinde (1981) define interações sociais como as trocas comportamentais observáveis entre as pessoas, e relações sociais como um fenômeno mais amplo que inclui a análise do conteúdo, qualidade, freqüência e forma (por exemplo, reciprocidade, intimidade etc.) das interações entre indivíduos e o modo como estes aspectos afetam e são afetados por variáveis cognitivas e afetivas dos envolvidos e por outras variáveis contextuais. Para este autor, os fatores cognitivos, afetivos e comportamentais das relações interpessoais são bastante entrelaçados, destacando que a compreensão das propriedades das relações interpessoais implica integrar conceitos explicativos de diferentes abordagens como a estímulo-resposta (motivação, aprendizagem, recompensa, reforçamento) e a cognitiva (percepção, expectativa, direção do objetivo, emoções/sentimentos, valores e normas, além de outros como atitude, personalidade, identidade etc.).

Integrando alguns desses conceitos, Hinde (1981) define o compromisso de uma relação em termos da extensão pela qual os parceiros aceitam sua continuidade ou dirigem o próprio comportamento no sentido de assegurar essa continuidade ou melhorar suas propriedades, diferenciando, portanto, os esforços para a simples continuidade daqueles dirigidos para a melhoria da qualidade e para a consistência das interações entre as pessoas.

A propensão para o intercâmbio social faz parte tanto da natureza biológica como cultural do homem e, segundo prevê Kiesler (1982), as relações interpessoais deverão doravante ocupar um lugar de destaque nos estudos da Psicologia. Muitas áreas da Psicologia deverão voltar-se para o estudo das relações interpessoais sob diferentes perspectivas e referenciais teóricos. Dentre estas, o Treinamento das Habilidades Sociais parece possuir hoje, considerando-se o estado da arte desse campo (Trower, 1995), um potencial bastante promissor tanto para intervenção como para a pesquisa. A intervenção vem sendo cada vez mais dirigida para os objetivos preventivos e educacionais, o que pode resultar, também, considerado os dados obtidos com a população sem queixa clínica, em novas possibilidades de teorização.

O Treinamento de Habilidades Sociais é uma área ainda não totalmente difundida no Brasil mas, a julgar por sua presença como tema recorrente nos últimos congressos, ela vem obtendo um reconhecimento progressivo em nosso meio. Na Europa, especialmente na Inglaterra onde se originou, e nos Estados Unidos e Canadá, ela se define como método de aplicação derivando um volume muito grande de pesquisa e teorias interpessoais recentes. No sentido da teorização, esse campo vem estabelecendo interfaces com outras teorias psicológicas como a ecológica de Bronfenbrenner (1996) e a das inteligências múltiplas de Gardner (Gardner, 1995; Del Prette & Del Prette, 1999), com várias áreas da Psicologia (Clínica, Social, do Desenvolvimento, do Trabalho, etc.) e com outras disciplinas como a Biologia Evolucionária, a Etologia, a Sociologia, a Antropologia, a Proxêmica.

No sentido empírico, muitas pesquisas vêm sendo conduzidas (Del Prette & Del Prette, 2000) na investigação de características de relacionamento e habilidades sociais de diferentes clientela e de fatores associados à qualidade dessas relações. Em uma sondagem recentemente realizada junto a vários estratos da comunidade, verificou-se que as habilidades mais valorizadas foram as de *ouvir, agradecer favores, saber falar e expressar sentimentos positivos*. Essas habilidades, à exceção de *agradecer favores*, estão na base de relações não conflitantes e não agressivas que parecem corresponder a uma aspiração mais geral da sociedade sob os novos paradigmas.

Certamente, mudanças microscópicas no plano das relações entre as pessoas podem gerar um formidável impacto na estrutura social mais ampla, alterando valores e normas na direção da mudança desejada pelo conjunto da sociedade brasileira. Os estudiosos da área do Treinamento de Habilidades Sociais no Brasil deverão, como está acontecendo em outros países, se envolver com essas questões e responder às demandas da sociedade. A presença desse tema e correlatos nos congressos de Psicologia e, adicionalmente, a formação de novos grupos de pesquisa na área constitui um importante passo nessa direção.

Referências

- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados* (M. A. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas (Trabalho original publicado em 1994).
- Bronowski, J. (1977). *O senso comum da ciência* (N. R. Silva, Trad.). São Paulo: Itatiaia/EDUSP (Sem citação da data da publicação original).
- Damáso, A.R. (1996). *O erro de Descartes: Emoção, razão e cérebro humano* (D. Vicente e G. Segurado, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1994).
- Damáso, A. R. (2000). *O mistério da consciência* (L. T. Motta, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1999).
- Darwin, C. (2000). *A expressão das emoções no homem e nos animais* (L. S. L. Garcia, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1965).
- Dawkins, R. (1976). *The selfish gene*. Oxford: Oxford University Press.
- Del Prette, A. (1995a). Teoria das minorias ativas: Pressupostos, conceitos e desenvolvimento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 11(2) 143-153.
- Del Prette, A. (1995b). A Psicologia Social e a análise do fato social. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 7(1-2), 133-140.
- Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (2001, no prelo). *Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (1999). Teoria das Inteligências múltiplas e Treinamento de Habilidades Sociais. *DOXA: Estudos de Psicologia e Educação*, 5(1)51-64.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2000). Treinamento de Habilidades Sociais: Panorama geral da área. Em: V. G. Haase; R. Rothe-Neves; C. Káppler; M. L. M. Teodoro; G. M. O. Wood

- (Orgs.), *Psicologia do Desenvolvimento: Contribuições interdisciplinares* (pp. 249-264). Belo Horizonte: Health.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (1999). *Psicologia das habilidades sociais: Terapia e Educação*. Petrópolis: Vozes.
- Gardner, H. (1995). *Inteligências Múltiplas: A teoria na prática* (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas (Trabalho original publicado em 1993).
- Heidbreder, E. (1975). *Psicologias do século XX* (L. S. Blandy, Trad.). São Paulo: Mestre Jou (Trabalho original publicado em 1933).
- Hinde, R. A. (1981). *The bases of a science of interpersonal relationships*. Em: S. Duck & R. Gilmour (Eds.), *Personal Relationships 1: Studying personal relationships*. New York: Academia Press.
- Kelson, J. A. S. e Haken, H. (1997). Novas leis antecipáveis no organismo: A sinérgica do cérebro e do comportamento. Em: M. P. Murphy e L. A. J. O'Neill (Orgs.), *O que é a vida? "50 anos depois" – Especulações sobre o futuro da Biologia* (L. C. B. Oliveira, Trad.). São Paulo: Fundação Editora da UNESP (Trabalho original publicado em 1995).
- Kiesler, D. J. (1982). Interpersonal theory for personality and psychotherapy. Em: J. C. Anchin e D. J. Kiesler (Eds.), *Handbook of interpersonal psychotherapy*. Nova York: Pergamon Press.
- Moscovici, S. (1976). *Sociedade contra natureza* (E. F. Alves, Trad.). Petrópolis: Vozes (Trabalho original publicado em 1972).
- Moscovici, S. (1990). *A máquina de fazer deuses* (M. L. Menezes, Trad.). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1988).
- Murphy, P. M. e O'Neill, L. A. J. (1997). *O que é a vida? Uma introdução sobre os próximos 50 anos*. Em: M. P. Murphy e L. A. J. O'Neill (Orgs.), *O que é a vida? "50 anos depois": Especulações sobre o futuro da Biologia* (L. C. B. Oliveira, Trad.). São Paulo: Fundação Editora da UNESP (Trabalho original publicado em 1995).
- Ridley, M. (2000). *As origens da virtude: Um estudo biológico da solidariedade* (B. Vargas, Trad.). Rio de Janeiro: Record (Trabalho original publicado em 1996).
- Ruse, M. (1983). *Sociobiologia: senso ou contra-senso* (C. R. Junqueira, Trad.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Sem citação da data da publicação original).
- Taylor, M. W. & McGuire, M. T. (1985). Reciprocal altruism: Fifteen years later. *Ethology and Sociobiology*, 9, 67-72.
- Trower, P. (1995). Adult social skills: State of art and future directions. Em: W. O'Donohue e L. Krasner (Eds.), *Handbook of psychological skills training: Clinical techniques and applications* (pp. 54-80). Nova York: Allyn and Bacon.
- Vala, J. & Monteiro, M. B. (Orgs.), (1996). *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Wilson, E. O. (1981). *Da natureza humana* (G. Florsheim, Trad.). São Paulo: T. A. Queiroz (Trabalho original publicado em 1978).
- Wright, R. (1996). *O animal moral: Porque somos como somos; a nova ciência da Psicologia Evolucionista* (L. Wyler, Trad.). Rio de Janeiro: Campus (Trabalho original publicado em 1994).